

Xavier Goulard

**O método simples
para começar a perdoar**



EDITORIAL AO

Título original

La méthode simple pour commencer à pardonner

© 2024, Groupe Elidia

Éditions Artège

9, espace Méditerranée – 66000 Perpignan

10, rue Mercœur – 75011 Paris

ISBN: 979-10-336-1486-9

Capa

Romão Figueiredo

Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Paginação

Editorial AO

Impressão e acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito legal

545405/25

ISBN

978-972-39-1013-1

Março de 2025

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@snao.pt

À minha querida esposa, Martine
À nossa querida filha, Marlène
Vocês são a minha alegria



É uma tarde de setembro.
Estou confortavelmente sentado numa cadeira
de jardim. Está fresco.
A terra exala os primeiros perfumes de outono.
O estalido das folhas alaranjadas
revoluteia ao sabor do vento,
libertando suaves odores. A erva está húmida.
Cai a noite. Sinto-me tranquilo, em paz.
Fecho os olhos.
De repente, apresenta-se diante de mim...
uma criança sorridente.
Vejo-me a levantar-me, a aproximar-me dela.
A criança sorridente
agarra-me e diz-me:
«Se eu tivesse sabido, em criança, o adulto que tu és,
não teria chorado tanto ontem».
Convido-a a aproximar-se.
Estreito-a contra o peito.
Dirijo-me a ela e digo-lhe:
*«Perdão! Peço-te perdão
por teres sofrido tanto, meu menino».*



Prólogo

Um domingo de janeiro. Um bairro de luxo. Uma igreja magnificamente restaurada. É a hora da missa das famílias. A assembleia é numerosa. As estatísticas dizem-nos o seguinte: vinte por cento dos jovens com menos de dezoito anos são maltratados, trinta por cento das mulheres sofreram violência física ou sexual, vinte por cento das pessoas com mais de sessenta anos são maltratadas. Segundo outros estudos, numa assembleia de cem pessoas, dezoito, de qualquer geração, foram ou são maltratadas. Evangelho do dia, segundo São Mateus: [...] *amai os vossos inimigos...* O celebrante segura na mão o seu microfone sem fio e coloca-se diante do altar, à maneira dos pastores evangélicos que interpelam a multidão. Porventura a sua intenção equivalerá à deles, colocando-se assim diante do altar para fazer a sua homilia, em vez de ficar atrás do ambão, onde ainda está pousado o livro da Palavra? Esse lugar está fora do raio de ação do Livro... Em suma, passo a citar a conclusão daquela homilia, que memorizei: «Irmãos e irmãs, as portas do Céu ficarão fechadas para aqueles dentre vós que não tiverem perdoado aos seus inimigos cá na terra».

Um domingo de fevereiro. A minha esposa, Martine, e eu, saímos da missa dominical. No adro da igreja, somos

interpelados por uma amiga, Isabelle. Durante a nossa conversa, cordial, mas demasiado banal, Isabelle, subitamente intimidada, mergulha o seu olhar no meu e diz-me: «Xavier, li o teu livro¹... Santo Deus... Nem sequer me refiro às provações por que passaste, mas... como conseguiste perdoar?». Vendo que eu não respondo, Isabelle prossegue: «Confesso-te que sofri alguns traumas familiares... O teu livro encontrou eco em mim. No entanto... sinto-me incapaz de perdoar aos meus pais. A ponto de ter recorrido ao sacramento da reconciliação especialmente por causa disso. Confessei essa dificuldade. A reconciliação... parece-me que é, antes de mais, para uma pessoa se reconciliar consigo mesma quando está ferida, quando se sente magoada, não? Ainda antes de pensar confessar o mal que tem feito aos outros ou a Deus, não? Além disso, não tenho vontade de magoar aqueles que me fizeram mal, movida por algum desejo de vingança ou até de exposição de um passado que já não volta mais...». Escuto Isabelle sem a interromper. Apercebo-me de uma sinceridade que nada tem a ver com a emoção. A sua perturbação, porém, traduz-se nestas palavras: «Hoje, a minha dificuldade é perdoar a quem me fez mal, sinto-me culpada por não ser capaz de perdoar. Mais do que os traumas da minha infância, é isso que não para de me remoer... tenho vergonha, entendes?» Isabelle espera uma resposta. Eu não a tenho.

¹ *Requiem – Histoire d'une conversion spirituelle*, Éditions Artège, 2020.

Um ano! Precisei de um ano para aceitar bater no meu teclado as primeiras linhas deste ensaio sobre o perdão. Sim, eu prefiro qualificar estas palavras como *ensaio*, de preferência a chamá-lhes *livro*, tal é a delicadeza do seu tema, tal é o meu receio de que a sua simples evocação desperte no leitor feridas ainda não curadas, violências, desejos de vingança, sem dúvida, tristezas, com certeza.

Sim, eu já perdoei... ou antes, não! Não completamente. Sim, perdoei, mas só tardiamente tomei consciência disso. Sim, perdoei aos meus pais, depois de ambos me terem maltratado gravemente, mas nunca decidi tomar um caminho cujo fim fosse o perdão.

Caras leitoras, caros leitores, não vos vou enganar, fazendo-me passar por um teólogo do perdão! Eu não passo de uma alma ferida à qual a graça de Deus revelou uma presença tangível: Jesus Cristo. Aquele que deu a vida para que eu saboreasse a sua insondável misericórdia. É um cristão que vos fala. Um cristão, carmelita secular, comprometido, pelas promessas de castidade, obediência e pobreza, na Ordem Secular dos Carmelitas Descalços².

E como eu não tomei conscientemente um caminho de perdão, começarei esta obra pelo que habitualmente é o último capítulo, o epílogo: pelo relato de uma graça que virou a minha vida do avesso. Depois disso interrogar-me-ei, com

² O Carmelo Descalço compreende três ramos, três ordens: a Ordem dos Carmelitas Descalços (os Irmãos descalços), a Ordem das Carmelitas Descalças (as Irmãs carmelitas de clausura) e a Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares (os seculares, quer dizer, os leigos e os ministros do culto).

os leitores, sobre aquilo que nos pode dispor a acolher o perdão. Os leitores só lerão aqui a expressão de um olhar fixo na inefável doçura de Deus. Naquela ternura divina por cada um de nós de que Ele tem dado tantas provas. Porque também disso tenho sido testemunha.

Insuportáveis definições!

Abro o dicionário na definição de perdão: «Ação de considerar uma falta ou uma ofensa como não-ocorrida, de não levar a mal ao culpado e de não guardar ressentimento contra ele».

Supostamente, eu sou um bom cristão, por isso precipito-me para o *Catecismo da Igreja Católica*. Definição de perdão: «Atitude que traduz a capacidade do coração de considerar uma ofensa como não-ocorrida, de renunciar a atitudes de vingança e de privilegiar o amor sobre a vingança».

Que bonito! E o Catecismo acrescenta: «O perdão é uma exigência cristã». Portanto... não há alternativa, temos de perdoar! Isto é que já não tem graça nenhuma!

Retomo o dicionário, tentando encontrar uma definição mais matizada. Não-ocorrida: «Considerar que uma coisa nunca existiu ou não pode ser tida em conta». Decididamente, não há saída. Tendo mastigado durante alguns instantes a ideia de perdão, brotam espontaneamente de mim três questões às quais, muito pretensiosamente, tento responder de imediato:

1. Será que tudo é *perdoável*? Eu respondo que SIM! Mas reconsidero logo a seguir. Afinal, não sei ao certo se tudo será perdoável!
2. Devo perdoar tudo? Obedecendo, forçosamente, ao *Catecismo dos católicos*, respondo que SIM!
3. Será que sou capaz de perdoar tudo? A resposta é óbvia: NÃO!

Se existisse, portanto, um campeonato do perdão, eu não me teria qualificado! Em seguida, chega o momento de uma reflexão um pouco mais aprofundada. Porque terei eu respondido SIM à pergunta *Será que tudo é perdoável*? É evidente que uma resposta afirmativa e lapidar a esta pergunta é impensável, escandalosa, se porventura damos provas de um mínimo de bom senso e, mais simplesmente, de reserva. Um acontecimento da história da humanidade alterou definitivamente a nossa conceção do mal, a nossa relação com este e, portanto, com o perdão: a *Shoah*. Já não é permitido teorizar sobre a questão do mal e do perdão como a espiritualidade cristã fazia até esse acontecimento, que as palavras nunca serão capazes de qualificar. Também foi por isso que eu tive tanta dificuldade em me decidir a escrever este ensaio. E, no entanto... o que é que, em mim, respondeu *sim, tudo é perdoável*? Um reflexo de bom cristão? Não, claro que não! A justificação para os dramas que eu próprio vivi? Ainda menos, isso seria indecente. É claro que, quando estou a sofrer, só consigo pensar na minha própria realidade dolorosa. O sofrimento corta a nossa relação com o outro.

O sofrimento torna-nos cegos para o sofrimento do outro. O sofrimento só pede alívio. A escala de avaliação da dor é própria de cada um. Nós só podemos refletir sobre a questão do perdão estando de boa saúde. E, no entanto, é àqueles que sofrem que nos devemos dirigir. Seja! Então, que impulso insensato me levou a responder impulsiva e afirmativamente à primeira pergunta? Foi uma imagem, uma única imagem, que me deixou intrigado e depois muito perturbado. Uma imagem em que estava estampado o horror indizível da *Shoah* e, ao mesmo tempo, o poder da Esperança, que acompanha sempre o perdão.

Abril de 2015, Eva Kor, sobrevivente de Auschwitz, de oitenta e um anos, suscita polémica aproximando-se de Oskar Gröning, antigo contabilista desse campo de extermínio, julgado na Alemanha. «Encontrei-me com Oskar Gröning, apresentei-me e estendi-lhe a mão. Ele agarrou-me o braço e desmaiou», explicou esta antiga cobaia de Josef Mengele, como também o foi a sua falecida irmã.

Um ato louco, considerado irresponsável por alguns, pelos advogados da própria Eva Kor, em primeiro lugar. Só pode ser inscrito entre o horror e uma coragem que as pessoas tendem a qualificar como inconsequente, tão inimaginável parece. No entanto, naquele dia, deu-se o perdão. Um perdão que não se deu em nome de todos. Só se perdoa numa relação interpessoal. Eva perdoou a Oskar, ponto final. Bem, não completamente final.

Eva Kor também adotou o neto do tristemente célebre Rudolf Höss, comandante do campo de concentração onde ela própria viveu os piores horrores sob as experiências de Mengele. «O perdão curar-te-á e far-te-á livre», disse ela a esse neto, por ocasião de uma viagem a Auschwitz.

Assim, as palavras perderam o direito de exaltar ou de julgar, já só podem dizer. E aquilo que se aplica a uma pessoa, só é válido para essa única pessoa.

Respondi *sim, tudo é perdoável*, só porque a recordação-relâmpago daquela fotografia e das palavras que a acompanhavam mo sussurrou. E é precisamente por se tratar apenas do perdão particular de uma pessoa a outra pessoa que a perturbação me invadiu de imediato. Foi a dor dos outros que me assaltou o coração. Aqueles que não podem perdoar. Aqueles cuja dor nem sequer me atrevo a tentar imaginar nem terei o desprante de eu próprio a chorar.

Regressemos ao dicionário. Perdão: *ação de considerar uma falta como não-ocorrida...* Ou compreendi mal ou é inaceitável. Repito sem cessar a definição de *não-ocorrida: considerar que determinada coisa nunca existiu ou não pode ser tida em conta*. O Catecismo confirma: *atitude que traduz a capacidade do coração de considerar uma ofensa como não-ocorrida*. Quer dizer que eu tinha entendido bem, é inaceitável! Em suma, afinal eu não sou o bom *católico do Catecismo dos católicos!*

Avancemos! Segunda pergunta: *Devo perdoar tudo?* Como é evidente, foi o reflexo do bom cristão que

me levou a responder. Eu disse SIM, mas em teoria! Já cá voltaremos.

Terceira pergunta: *Será que sou capaz de perdoar tudo?* Certamente já compreenderam, como... não sou o bom *católico do Catecismo dos católicos*, a resposta é óbvia: NÃO! Não e NÃO! Parece que começámos mal!

Terminemos estas definições. Dom: *ação de se abandonar, de se entregar aos cuidados de alguém, confiando nessa pessoa... ação de oferecer alguma coisa*. Mas também (esta tinha-nos escapado): *ação de se sacrificar!* Eis-nos de volta aos bons católicos! Alguns sinónimos do substantivo «dom»: *presente, talento, graça, favor*.

Seja!

Índice

<i>Prólogo</i>	9
<i>Epílogo</i>	15
Insuportáveis definições!	21
O perdão é um caminho?	27
Como é bom odiar, meu Deus!	29
Estou sempre a ruminar, mas cuido de mim!	35
«Pede perdão!» «Perdoa!»	49
Sobretudo, não esquecer nada!	61
Virtudes! Atenção, perigo!	63
Da culpabilidade à vergonha... ..	79
<i>A culpabilidade</i>	80
<i>A vergonha</i>	82
Ainda não desejo perdoar?	91
Do consentimento... ..	93
... À pobreza espiritual	103
No confessionário!	113
O ponto de viragem	121
Dizer	131
<i>Per donum</i> (por dom), perdão	139
<i>Agradecimentos</i>	149